

**DISCURSO PROFERIDO AO RECEBER O TÍTULO DE DOUTOR
HONORIS CAUSA PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Roberto Aureliano SALMERON

Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Lauro Morhy, Magnífico Reitor da Universidade de Brasília,
Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Timothy Martin Mulholland, Vice-Reitor e Reitor eleito da Universidade de Brasília,
Excelentíssimo Senhor Professor Doutor José Joaquim Soares Neto, Vice-Diretor do Instituto de Física da Universidade de Brasília,
Excelentíssimo Senhor Professor Doutor José Felipe Beaklini Filho, do Instituto de Física da Universidade de Brasília,
Excelentíssimas autoridades presentes,
Excelentíssimos colegas da Universidade de Brasília,
Minhas senhoras e meus senhores.

Eu não poderia receber maior honra de uma universidade do que o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília. Grande honra, pela importância que esta Universidade tem na vida acadêmica e intelectual do País e satisfação imensa, porque estou ligado a ela desde sua concepção e fundação. Ligado não somente no aspecto formal acadêmico, mas também sentimentalmente, com o sentimento de percorrer grandes ideais com grandes amigos. Sinto também gratidão, porque a Universidade de Brasília exerceu enorme influência em minha vida.

Quero expressar meu profundo agradecimento ao Reitor Lauro Morhy e aos membros do Conselho Universitário pela outorga deste título honorífico, que me enriquece e me sensibiliza.

São muitos os atributos desta Universidade, uma das mais proeminentes do Brasil. Antes de falar sobre a Universidade de Brasília atual, farei referência à sua história. Tive a oportunidade de viver acontecimentos ligados a ela que marcaram uma geração; desejo resumi-los no contexto histórico do País e das universidades brasileiras. Voltar à história das instituições é importante para se cultivar a memória coletiva.

Inicialmente, quero assinalar uma extraordinária coincidência de datas. Hoje é dia 19 de outubro de 2005. Exatamente há quarenta anos, dia por dia, a 19 de outubro de 1965, 223 docentes da Universidade de Brasília pediram demissão, por não se sujeitarem à interferência do governo militar, não se sujeitarem ao controle da vida acadêmica por um regime ditatorial.

Por coincidência, o dia em que estou recebendo esta homenagem da Universidade de Brasília é o quadragésimo aniversário de minha saída da Universidade.

A Universidade de Brasília tem uma história original. Surgiu numa época em que havia aspirações a mudanças nas universidades do País, mas não havia ambiente para mudanças em todas elas.

Quando eu era estudante, conversando com colegas, todos nós sem experiência universitária, perguntávamos quais as diferenças entre nossas universidades e as famosas universidades européias e norte-americanas. Por que aquelas universidades são boas ? O que as distingue ? Mais tarde, quando fazia o doutorado na Universidade de Manchester, na Inglaterra, tive a oportunidade de conhecer o funcionamento de universidades inglesas.

Em Manchester, sofri vários impactos. O primeiro, foi de ver o contato que havia entre professores das diferentes disciplinas; almoçavam e tomavam o café juntos, o almoço e o café sendo ocasião de conversar.

O segundo impacto, quando perguntei ao meu orientador, Professor Patrick Blackett, que tinha recebido o Prêmio Nobel de Física, que assunto ensinava. Respondeu-me que dava o curso do primeiro ano. Fiquei surpreso. Eu pensava que um Prêmio Nobel daria curso sobre assuntos sofisticados avançados, ou sobre seus assuntos de pesquisa, ou sobre modernas teorias. Quando constatou minha surpresa, explicou-me: porque é no início dos cursos que os estudantes têm de ser bem orientados; se tiverem falhas de formação no início, terão dificuldade de recuperação mais tarde, mas se tiverem boa formação inicial poderão suprir sozinho falhas eventuais em cursos posteriores. Foi essa uma inesquecível lição para mim.

O terceiro impacto foi de ver que os doutorandos tomavam o café, depois do almoço, na sala de café dos professores e tinham a oportunidade de conversar com mestres de muitas disciplinas, desde história da Grécia, ou Filosofia, ou Literatura Inglesa, até Química ou Radioastronomia.

O quarto impacto foi de ver que muitos jovens com doutorado em Física iam trabalhar em indústrias.

Aquele tipo de vida na Universidade de Manchester fazia-me sonhar e perguntar-me se não poderíamos um dia ter esse ambiente em nossas universidades. Anos depois, surgiu-me a grande oportunidade de participar de uma reforma das universidades brasileiras,

colaborando com a fundação da Universidade de Brasília, sob o impulso de Anísio Teixeira.

Vejamos como a UnB se situa no contexto histórico.

I. A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, A UNIVERSIDADE DO BRASIL E A UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL

O acontecimento mais importante na história das universidades brasileiras foi a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. O sucesso da USP deve-se principalmente ao fato de que os professores europeus, franceses, italianos e alemães, foram escolhidos pelo grande matemático brasileiro Teodoro Ramos, que tinha trabalhado vários anos na Sorbonne, em Paris e tinha penetração em meios universitários de vários países. Foi dado àqueles mestres a liberdade de orientarem como quisessem os departamentos ou disciplinas que dirigiram na USP. Esta liberdade foi da maior importância; a USP se desenvolveu com a experiência de seus próprios professores, aos quais não foi imposto previamente nenhum programa.

No ano seguinte ao da fundação da USP, em 1935, Gustavo Capanema, ministro da Educação de Getúlio Vargas, fundou no Rio a Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em vez colocar a universidade imediatamente em funcionamento e deixar que os professores elaborassem os planos de trabalho e de desenvolvimento, como ocorreu na USP, Capanema, homem obsessivo, nomeou uma comissão para elaborar os programas de todos os cursos, de todas as disciplinas, de todos os anos, de todas as faculdades. Trabalho que durou 5 anos e, portanto, retardou a universidade de 5 anos. Quando a Universidade do Brasil começou a funcionar, a USP, fundada somente um ano antes dela, já tinha uma geração de jovens brasileiros trabalhando sob orientação dos professores europeus, alguns produzindo trabalhos de repercussão internacional. Capanema era admirador do governo fascista de Mussolini, queria moldar a Universidade do Brasil nos moldes das universidades italianas. Chegou até a entrar em contato com arquitetos italianos para construir os prédios da Universidade do Brasil; fizeram projetos com aquela arquitetura pesadíssima da Itália fascista. Felizmente, esses planos não foram executados. Convidou professores italianos mas, ao contrário do que ocorreu na USP com os convites feitos por Teodoro Ramos, os professores para a Universidade do Brasil foram escolhidos pelo governo da Itália.

Foi naquela época que Anísio Teixeira, o maior educador que o Brasil teve, Diretor do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, então capital do País, certamente influenciado pela USP, fundou em julho de 1935 a Universidade do Distrito Federal. Sua idéia era de uma universidade em que os professores fossem profissionais ativos, criadores. Efetivamente, os professores eram eminentes cientistas que trabalhavam em instituições existentes no Rio de Janeiro, em ciências humanas e ciências naturais e exatas, além de eminentes artistas. Para citar alguns exemplos, Mário de Andrade lecionava história e filosofia da arte; Cândido Portinari ensinava pintura; Villa-Lobos,

música; Jorge de Lima, Gilberto Freyre, Artur Ramos, Hermes Lima, Sérgio Buarque de Holanda, ensinavam ciências humanas. A Universidade funcionava com orçamento reduzido, não tinha prédios, as aulas eram ministradas nos lugares de trabalho dos professores. Estes tinham seus salários normais das instituições em que trabalhavam e recebiam um pequeno complemento da Universidade. Depois do golpe de estado de Getúlio Vargas de 1937, a Universidade começou a ser perseguida, até ser extinta, com artimanhas administrativas, por decreto do governo federal em 1939. Foi essa a primeira perseguição de um governo ditatorial a uma universidade em nosso País. Os argumentos foram os mesmos utilizados contra a Universidade de Brasília, 27 anos mais tarde: "manter a disciplina e a ordem".

Universidades foram depois fundadas em outros estados no Brasil, todas nos moldes da USP. Com a experiência adquirida, em relativamente poucos anos, ficou evidente que esses moldes tinham se tornado obsoletos e havia necessidade de uma renovação.

II. RENOVAÇÃO PROPOSTA POR ANÍSIO TEIXEIRA

Novas idéias foram lançadas outra vez por Anísio Teixeira, durante o governo de Juscelino Kubitschek. Anísio Teixeira convenceu o ministro da Educação, Clóvis Salgado, a fazer uma reforma na Universidade do Brasil. Ficou decidido que a reforma entraria em vigor quando a Universidade fosse instalada na cidade universitária, na ilha do Fundão. A proposta para a nova estrutura da universidade era aquela que, poucos anos depois, Anísio ia propor para a Universidade de Brasília: institutos centrais e faculdades, divididos em departamentos.

Durante a construção de Brasília, Anísio Teixeira, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos no Ministério da Educação, foi convidado por Juscelino Kubitschek para organizar o ensino fundamental, médio e profissional no Distrito Federal, tarefa na qual teve a colaboração de Lúcio Costa. Quando a construção de Brasília estava avançada, Juscelino Kubitschek decidiu criar a Universidade. Em seu livro "Por que construí Brasília" (página 212), escreve:

"Do meu entendimento com o ministro Clóvis Salgado resultara a escolha do técnico que se incumbiria da tarefa: o professor Anísio Teixeira. Tratava-se de um idealista, profundo conhecedor das melhores técnicas educacionais, e um intelectual dotado da visão universalista do papel que competia à juventude desempenhar em face dos desafios do mundo moderno. Só essas qualidades assegurariam de antemão a realização dos dois objetivos prioritários da universidade a ser criada: renovação de métodos e concepção de um ensino voltado para o futuro".

O presidente Kubitschek enviou ao Congresso Nacional o projeto de lei que autorizaria o Poder Executivo a instituir a "Fundação Universidade de Brasília", no dia de

inauguração de Brasília, 21 de abril de 1960. Foi o seu primeiro ato oficial na nova capital.

Anísio Teixeira retomou as idéias que tinha proposto para a reforma da Universidade do Brasil:

1. universidade constituída de institutos centrais de ciências humanas, de ciências naturais e exatas, de artes, de letras e de faculdades;
2. por analogia com a liberdade dada aos professores nos começos da USP, não organizar detalhes da universidade antes de iniciá-la; deixar que cada instituto, cada faculdade, cada departamento fosse organizado por especialistas;
3. criar um corpo de conselheiros para a organização dos departamentos, em ensino e em pesquisa;
4. fazer uma reforma também na carreira universitária, abandonando a tradição de catedrático e assistente; para que esta reforma pudesse ser feita, a Universidade teria de ser uma fundação.

Como vemos, a Universidade de Brasília foi outra concepção importante que Anísio Teixeira legou ao País.

Foram convidados cerca de 100 conselheiros para estruturar a universidade. A UnB foi, então, uma obra coletiva.

Darcy Ribeiro trabalhava com Anísio Teixeira no Ministério da Educação e foi introduzido, por ele, nas idéias sobre a Universidade de Brasília. Entusiasmou-se logo pelo projeto e fez dele a prioridade do seu trabalho. Os conselheiros de cada disciplina tinham um coordenador e autonomia para se reunir quando quisessem e onde quisessem. Darcy Ribeiro freqüentemente coordenava essas reuniões, nas quais tomava parte ativa nas discussões.

O projeto de lei de Kubitschek não foi aprovado durante seu mandato, que terminou em dezembro de 1960.

Durante o governo seguinte, de Jânio Quadros, Darcy Ribeiro viajava do Rio para Brasília com freqüência, para pedir aos deputados que discutissem o projeto de lei. Inesperadamente, sua aprovação foi acelerada com a renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República. Por acaso, no dia da renúncia, Darcy estava em Brasília. Foi à Câmara dos Deputados, onde havia confusão, pois ninguém podia prever as conseqüências da renúncia do Presidente. Os deputados se agitavam para aprovação com urgência de muitas leis. Um deputado amigo propôs ao plenário o projeto de lei para criar a Fundação Universidade de Brasília; foi o 18º aprovado na mesma tarde, praticamente sem discussão!

A ação de Darcy Ribeiro foi fundamental para que a Universidade fosse criada na época em que foi. Sem sua ação, a Universidade provavelmente seria criada mais tarde, numa época imprevisível.

Finalmente, foi o Presidente João Goulart quem assinou a lei nº 3998 de criação da Fundação Universidade de Brasília, em 15 de dezembro de 1961.

Anísio Teixeira foi convidado para ser o primeiro reitor. Como tinha suas atividades no Rio e não queria morar em Brasília, não aceitou o convite e propôs que Darcy Ribeiro assumisse a reitoria. Aceitou, contudo, o cargo de Vice-Reitor. A amizade e o respeito entre os dois homens era grande. Darcy uma vez me disse que Anísio aceitou o cargo de Vice-Reitor para prestigiá-lo.

Darcy Ribeiro foi reitor da Universidade somente durante poucos meses. João Goulart ficou impressionado por ele e convidou-o para Ministro da Educação, cargo que ocupou durante cerca de 6 meses e depois para Chefe da Casa Civil, onde permaneceu até o golpe de estado de 31 de março de 1964.

Quando Darcy Ribeiro passou para o Ministério da Educação, Anísio Teixeira assumiu a reitoria e Almir de Castro a vice-reitoria. Permaneceram nos cargos até serem depostos no golpe de estado de 1964.

Almir de Castro é pouco citado, mas deu muito apoio às iniciativas para se criar a UnB. Médico especialista em saúde pública, dedicou-se à melhoria da formação de quadros universitários. Grande amigo de Anísio Teixeira, trabalhou com ele na CAPES desde quando Anísio a fundou, em 1951 e foi diretor de programas da CAPES durante vários anos. Almir de Castro facilitava a organização das reuniões dos conselheiros, pagando passagens e estadias em hotel. Minhas viagens para participar de discussões, de Genebra para o Brasil, eram pagas pela CAPES.

A UnB começou a funcionar no dia 9 abril de 1962, graças novamente a Anísio Teixeira, que conseguiu duas coisas importantes: salas emprestadas pelo Ministério da Educação e verbas de emergência.

Os primeiros cursos da Universidade foram reunidos em 3 grupos chamados "cursos troncos": Letras Brasileiras, coordenado por Cyro dos Anjos, que deu origem ao futuro Instituto Central de Letras; Administração, Direito e Economia, coordenado por Victor Nunes Leal, gérmen do Instituto Central de Ciências Humanas; Arquitetura e Urbanismo, iniciado por Alcides da Rocha Miranda, posteriormente dividido em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, coordenada por Oscar Niemeyer e Instituto Central de Artes, coordenado pelo próprio Rocha Miranda.

As aulas eram dadas no Ministério da Educação. Os primeiros cursos ministrados no campus da Universidade foram os de arquitetura, no pequeno e modesto edifício de

madeira carinhosamente chamado "oca", construído por Sérgio Rodrigues, edifício que ainda existe e deveria ser conservado como monumento histórico da Universidade de Brasília.

III. COMO FIQUEI ENVOLVIDO COM A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA?

Durante a fase de discussões entre conselheiros, eu trabalhava no laboratório internacional europeu chamado CERN, situado em Genebra, na Suíça, onde tinha um posto permanente.

Eram conselheiros, para o Instituto de Física, Guido Beck, Gabriel de Almeida Fialho, Jayme Tiomno e José Leite Lopes, que coordenava o grupo. Fui convidado para participar das discussões.

Além de viajar de Genebra para o Rio, escrevia cartas, não somente aos 4 físicos, mas também para Anísio e para Darcy, que me perguntava se eu não aceitaria o desafio de ir para a Universidade de Brasília. O envolvimento com a UnB se acentuou a tal ponto que ir trabalhar na Universidade passou a ser uma etapa natural em nossa vida.

A passagem de conselheiro para assumir o posto de professor ocorreu naturalmente, como se estivesse decidido há longa data que eu iria para a Universidade de Brasília. Embora tivesse no CERN um posto seguro, minha esposa e eu não tínhamos intenção de passar a vida fora do Brasil. Quando Anísio Teixeira era reitor, em fins de 1963, tomei a decisão de deixar o CERN e ir para Brasília.

Comecei a trabalhar na UnB dia 2 de janeiro de 1964. Fui o primeiro físico, iniciei o Instituto de Física e fui o seu primeiro coordenador. Por sugestão de Anísio Teixeira, nos começos utilizávamos o termo "coordenador", deixando o termo "diretor" para quando os órgãos estruturais estivessem em pleno funcionamento.

Tive a satisfação de discutir longamente, todos os dias, com Anísio Teixeira. Homem de grande cultura e de idéias, tinha a característica das pessoas inteligentes de separar rapidamente os pontos importantes e os pontos secundários de uma questão. Modesto, jamais falava de seus sucessos passados. Falávamos sobre a Universidade e perspectivas para o futuro. Durante essas conversas, constatei a importância fundamental que dava aos institutos de ciências da natureza e exatas e à organização das futuras escolas de engenharia e de medicina.

Depois de um mês na UnB, em fins de janeiro, numa reunião do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, à qual não assisti, sem me prevenir, Anísio Teixeira propôs que o Conselho me nomeasse Coordenador Geral dos Institutos Centrais de Ciência e Tecnologia, isto é, Biologia, Física, Geociências, Matemática e Química e iniciar os contatos para a organização da Faculdade de Tecnologia. Os primeiros coordenadores dos Institutos de Biologia, Matemática e Química foram,

respectivamente, Antônio Rodrigues Cordeiro, Elon Lages Lima e Otto Richard Gottlieb.

IV. AS PERSEGUIÇÕES

No dia 9 de abril de 1964, 9 dias depois do golpe de estado, tropas do exército e da polícia militar de Minas Gerais invadiram o campus da Universidade, com manobras que davam a impressão de estarem tomando uma fortaleza. Foram transportadas por 14 ônibus e acompanhadas de 3 ambulâncias, demonstração óbvia de que esperavam resistência armada. Os invasores ficaram surpresos ao constatarem o ambiente de trabalho que encontraram.

Foi feita busca minuciosa da reitoria, da biblioteca, dos escritórios dos professores, à procura de material subversivo e de armas que nunca existiram. Os militares levavam os nomes de professores que deviam ser presos.

Anísio Teixeira e Almir de Castro foram demitidos de seus cargos e o Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília foi destituído.

Foi nomeado reitor pelos militares, sem nenhuma consulta a órgãos universitários, Zeferino Vaz, professor na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, que se vangloriava de ter participado da preparação do golpe de estado, em suas próprias palavras "desassombradamente, ativamente", com seu amigo Ademar de Barros, governador do estado de São Paulo.

Um dos primeiros atos do novo reitor foi demitir 9 professores:

Edgard de Albuquerque Graeff, Eustáquio Toledo Filho, Francisco Heron de Alencar, Jairo Simões, José Albertino Rosário Rodrigues, José Zanini Caldas, Lincoln Ribeiro, Perseu Adamo e Ruy Mauro de Araújo Marini.

A todos esses colegas, exprimo aqui minha homenagem.

V. PROGRESSOS E ENTUSIASMO

É pouco conhecido que naqueles dias, em abril de 1964, os docentes discutiram se não deviam pedir demissão da Universidade. Decidimos permanecer e continuar trabalhando. Dizíamos: a educação é importante, a ditadura vai acabar um dia, vamos então trabalhar pela educação o máximo que pudermos.

Apesar das violências e das incertezas, todos se puseram ao trabalho com energia. Quando digo todos, não me refiro somente aos docentes, mas também aos estudantes e aos funcionários. A Universidade progredia em todos os setores, em todos os Institutos.

Criou-se uma consciência geral de que estávamos fazendo algo de novo, algo que preparava o futuro.

Os Institutos de Artes, de Ciências Humanas, de Letras, de Ciências Naturais e Exatas eram procurados por professores que queriam trabalhar na UnB. Não tínhamos condições de aceitar todos, porque o orçamento de Universidade era pequeno e porque cada Instituto, na fase de crescimento, não podia permitir dispersão das atividades. Posso relatar o caso particular da Física. Eu era procurado por físicos brasileiros que tinham postos de professores universitários ou em indústrias nos Estados Unidos, outros que trabalhavam na Inglaterra. Dez engenheiros, recém-formados no ITA de São José dos Campos, queriam ir juntos para a UnB e formar um grupo especializado em sistemas.

Na qualidade de coordenador, praticamente todas as semanas era procurado por alguém interessado em trabalhar na Universidade.

Desejo fazer menção especial aos estudantes. Trabalhavam muito e em condições que nos preocupavam e às vezes davam pena, porque a escassez de recursos não nos permitia oferecer rapidamente as condições de conforto que mereciam. A biblioteca central era ainda pequena, havia já bons laboratórios de Química e de Biologia, mas o laboratório de Física era improvisado e deficiente. Em certa ocasião, alunos manifestaram o desejo de terem salas de estudos, porque a biblioteca da Universidade era exígua e saturada de pessoas que lá iam estudar. Conseguimos duas salas e tínhamos a satisfação de ver que estavam ocupadas, por jovens que lá trabalhavam até altas horas da noite, incluindo sábados e domingos.

Havia na UnB um entusiasmo contagiante. Em todos as universidades e instituições em que trabalhei, em diversos países, nunca vi em lugar algum um entusiasmo como o que havia na Universidade de Brasília naqueles tempos.

A Universidade fazia sua integração na sociedade de Brasília, com cursos extra-universitários, palestras, cinema, teatro e música. Cláudio Santoro, iniciador do Departamento de Música, criou uma orquestra sinfônica que, apesar de pequena, era completa e Yulo Brandão criou uma orquestra de música barroca. Por iniciativa de Santoro, todos os sábados de manhã, às 11 horas, havia um concerto aberto à população de Brasília. Os concertos eram dados no anfiteatro da Faculdade de Arquitetura, sempre lotado, com suas grandes portas laterais abertas e havia mais gente fora, sentada na grama, do que dentro do anfiteatro, a ouvir música. Espetáculo grandioso.

Apesar do ambiente de trabalho e dos resultados visíveis a quem quisesse ver, as perseguições a professores, estudantes e funcionários recomeçaram. Algumas pessoas altamente colocadas no governo e autoridades policiais tinham decidido que a Universidade de Brasília era perigoso foco de subversão e, portanto, tinha de ser vigiada.

Seguiram-se crises entre o reitor e os professores, especialmente os coordenadores, que não vou descrever aqui porque seria longo. Narrei em detalhe no meu livro "A universidade interrompida - Brasília 1964-1965" (Editora da UnB).

A posição de Zeferino Vaz era ambígua: comportava-se como professor universitário, mas em situações graves seguia ordem dos militares. Com a sucessão de crises, foi se enfraquecendo.

A 1º de setembro de 1965 o governo militar substituiu-o por Laerte Ramos de Carvalho, professor no Instituto de Educação da USP. Desde o primeiro contato com os professores, o novo reitor nos mostrou como ia proceder; disse: "vim à Universidade para servir ao governo". O tom estava dado.

Homem incapaz de dialogar, fez gestão catastrófica. Em conflito aberto com a Universidade, tomou atitudes que geraram uma greve dos estudantes e uma greve dos professores de somente 4 horas, num sábado de manhã. Sem controle, sem discernir gravidade de fatos, no mesmo dia o reitor pediu por escrito, ao general diretor do Departamento Federal de Segurança Pública, que enviasse tropas à universidade, "afim de garantirem a ordem e preservarem o patrimônio desta Fundação". O campus foi invadido na noite de domingo. Na segunda-feira de manhã, fomos impedidos pelos soldados de entrar na Universidade. Caso único, o próprio reitor pediu que invadissem a sua Universidade; no dia 8 de outubro, 6 semanas depois de assumir o cargo.

Com a universidade tomada por tropas, professores foram presos, inclusive estrangeiros. Os coordenadores não podiam se reunir na universidade, encontravam-se nas casas de uns e de outros, freqüentemente em meu apartamento, para tentarem prever o que poderia acontecer e que atitude tomar. O reitor não procurou nenhum de nós e mantinha contatos secretos com as autoridades. Mas jornalistas amigos nos transmitiam informações que obtinham.

Durante uma reunião de coordenadores, recebemos de um jornalista a notícia de que 15 professores seriam demitidos. Discutindo a situação, constatamos que cada um de nós tinha pensado, sem comunicar aos outros, que se efetivamente professores fossem demitidos, não teríamos mais condições de trabalhar com dignidade e não haveria outra alternativa senão pedirmos nossa demissão. Não foi atitude precipitada, foi atitude amadurecida. Nós não sugerimos a ninguém que se demitisse. No entanto, a maioria dos docentes foi solidária com os coordenadores e decidiu também pedir demissão. Cada um escreveu uma carta ao reitor pedindo demissão, mas as cartas não foram enviadas, aguardávamos a evolução dos acontecimentos; seriam enviadas se os fatos exigissem.

Uma tarde em que os coordenadores estavam discutindo, recebemos de um jornalista a notícia que o reitor tinha enviado uma nota a jornais, com os nomes dos 15 professores demitidos. Decidimos, então, enviar ao reitor as cartas de 223 docentes que pediam demissão e cópias dessas cartas a jornais. Foram publicadas juntas, com a nota da reitoria, no dia 19 de outubro de 1965.

Os docentes demitidos foram: Alberto Gambirásio, Antonio Luiz Machado Neto, Antonio Rodrigues Cordeiro, Carlos Augusto Callou, Eduardo Enéas Gustavo Galvão, Flávio Aristides Freitas Tavares, Hélio Pontes, Jorge da Silva Paula Guimarães, José Geraldo Grossi, José Paulo Sepúlveda Pertence, José Reinaldo Magalhães, Luis Fernando Victor, Roberto Pompeu de Souza Brasil, Rodolpho Azzi e Rubem Moreira Santos.

A todos esses colegas e amigos, deixo aqui minha homenagem.

VI. CONSEQÜÊNCIAS DOS PEDIDOS DE DEMISSÕES

Sobre as conseqüências de nossos pedidos de demissão, quero falar inicialmente a respeito dos estudantes. Apesar de terem consciência de que nossas demissões iam prejudicar seus estudos, comportaram-se com a maior dignidade. Não protestaram, mostraram-se solidários com seus professores, apoiaram nossa atitude. Muitos se transferiram para outras universidades.

Docentes que pediram demissão foram perseguidos. Alguns não tiveram licença para fazer doutorado no exterior, apesar de terem bolsas concedidas por instituições estrangeiras.

Muitos docentes que pediram demissão sabiam que iam ficar desempregados. Este foi o caso mais freqüente entre os artistas: professores de artes plásticas, pintura, gravura, de escultura, de música, ficaram sem emprego, alguns por muito tempo, com famílias e filhos para sustentar. Merecem todos o maior respeito e um lugar na memória da Universidade de Brasília.

O pedido de demissão de 223 docentes da Universidade de Brasília, como protesto contra intervenções de um governo ditatorial na vida acadêmica do País, contra a arbitrariedade e a arrogância, não pode deixar de ser considerado um ato político, mas para nós, professores, foi um ato moral.

VII. A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA DE HOJE

A Universidade de Brasília hoje prossegue nos ideais dos seus fundadores. É uma das mais avançadas do País, ocupando os primeiros postos no ensino e na pesquisa, contribuindo com seu exemplo para o aprimoramento de nossas universidades públicas.

A Universidade se destaca em todas as suas atividades: com os cursos de graduação, de pós-graduação, de extensão, suas 10 Faculdades, seus 12 Institutos, 25 Centros de Apoio e de Estudos, 38 Núcleos de Estudos, o Hospital, a Editora.

A integração desta Universidade na sociedade brasileira faz com que ela estenda sua influência até o norte e o centro-oeste do País, em programas de cooperação. Não somente nos moldes universitários tradicionais, mas também com atividades pioneiras de interesse social.

Mesmo tendo de enfrentar as dificuldades encontradas pelas universidades federais, mantém ritmo de progresso acentuado. A Universidade de Brasília criou condições para uma contribuição contínua ao futuro do País, formando cada vez mais pessoas de alto nível.

Estamos numa época de intensa competição internacional no plano universitário. O futuro depende da qualidade de formação das elites. Os países avançados compreenderam isso há tempos e investem muito para conseguirem, não somente os melhores professores, mas também os melhores estudantes. Até meados do século passado, até o fim da última guerra mundial, podia-se progredir com conhecimentos clássicos, bastava ter os meios de utilizá-los. Hoje a situação é diferente. O futuro do país que aspira a ser independente depende da sua capacidade de inventar, de inovar, de criar, portanto, da qualidade das pessoas que forma. No Brasil, são as universidades públicas que têm condições para cumprir essa missão, entre elas a Universidade de Brasília.

Termino exprimindo para a Universidade de Brasília meus votos de continuado sucesso, que seu prestígio continue aumentando, que sua influência nos destinos do País seja cada vez maior.

Universidade de Brasília, muito obrigado.

Brasília, 19 de outubro de 2005